



**Projeto piloto de curso de
capacitação em saúde mental
de adolescentes para
professores do Ensino
Fundamental e Médio**

2020

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde – PROCISA Av. Capitão
Ene Garcês, 2413, Aeroporto - Boa Vista/RR. Universidade Federal de
Roraima, Campus do Paricarana, prédio do PROCISA.

Maria Andrelina do Nascimento Oliveira Gonçalves

Psicóloga, mestre, especialista e pesquisadora principal

Joelma Ana Gutiérrez Espíndula

Psicóloga, professora, doutora e orientadora

Apresentação

Este é um curso de Formação para profissionais vinculados ao campo da Educação Básica, principalmente, aos que atuam direta ou indiretamente com adolescentes nas escolas. Este produto técnico (Curso de Capacitação) elaborado é fruto da pesquisa de mestrado intitulada “*SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES QUE SE AUTOLESIONAM: Contribuições da fenomenologia*” desenvolvida pela Psicóloga Maria Andreolina Gonçalves e sua Orientadora Professora Doutora Joelma Ana Gutiérrez Espíndula durante Mestrado Profissional em Ciências da Saúde do PROCISA/UFRR, na área de Concentração: Diversidade Sociocultural, Cidadanias e Modelos de Atenção à Saúde e defendida no ano de 2019. A pesquisa teve como objetivo: compreender as vivências psicológicas de adolescentes, em idade escolar, que se autolesionam e como estão articuladas suas redes de apoio, caso existam, (família, escola, amigos, comunidade).

Essa pesquisa proporcionou além da coleta de dados científicos que estruturam os resultados encontrados, teve caráter terapêutico as entrevistas, sem julgamentos, uma escuta atenta e empática, buscou uma aproximação do humano em sua totalidade, tendo papel de facilitadora para que os adolescentes pudessem relatar suas experiências vividas durante os momentos em que se autolesionaram de forma livre. Esse estudo suscitou nas pesquisadoras algumas inquietações: *como o adolescente vivencia o fenômeno da autolesão nos ambientes em que convive? O que motivou o adolescente a vivenciar a autolesão? Como os elementos de suporte psicossocial (família, amigos, religião e outros) influenciam na vida do adolescente que se autolesiona?* Em relação a isso, também foi questionado a respeito aos espaços/atividades de promoção de saúde mental na escola e ações de aplicabilidade prática nesse contexto que mesmo apoiadas em algumas políticas públicas no campo interdisciplinar entre a Educação e Saúde, como o Programa de Saúde na Escola, ainda não possuem uma efetividade em tal prática.

Deste modo, buscou uma resposta objetiva que oferecemos para sociedade este projeto piloto visa realizar uma Curso de Capacitação/

atualização em Saúde Mental de adolescentes para proporcionar aos professores que atuam no Ensino Fundamental, Médio e curso técnico se faz necessária como estratégia inicial de estimular reflexões e discussões no meio educacional acerca do papel da escola no processo de saúde mental de crianças e adolescentes.

É importante frisar que este curso de formação não visa a transferência de responsabilidades aos professores e demais profissionais da escola quanto ao processo diagnóstico de indivíduos em vias de sofrimento mental, mas suscitar um espaço de debates e aperfeiçoamento desses profissionais acerca da temática saúde mental na escola. Com o intuito maior de alinhar esta proposta com as políticas públicas educacionais, tais como a BNCC, LDB e PCNs e a formação continuada do professor.

Com isso, esse curso buscar-se-á proporcionar as equipes educacionais reflexões sobre como nós podemos criar e recriar espaços de promoção de saúde mental, tendo em vista que segundo a OMS (2002; 2017) a faixa etária de maior incidência de transtornos mentais encontra-se no período da adolescência. Além de procurar oferecer às escolas um momento para ressignificações dos impactos psicossociais devido a recente crise epidemiológica mundial do coronavírus (COVID-19) na vida de milhares de adolescentes.

Este curso inicialmente foi idealizado como um piloto, mas já se articula parcerias entre órgãos locais de educação e da Universidade Federal de Roraima uma possibilidade de ampliação com base nos resultados obtidos neste primeiro momento.

Introdução

A adolescência e os primeiros anos da vida adulta de uma pessoa são por si só um período repleto de muitos conflitos, já que este é marcado pela transição entre a vida de criança e a vida adulta, além de mudanças físicas, sociais e emocionais. É uma época em que podem ocorrer transformações, como mudar de escola, sair de casa e começar a universidade ou um novo emprego. Para muitas e muitos jovens, são tempos que provocam muitas emoções. No entanto, também podem ser momentos de estresse e apreensão e que na grande maioria das vezes estes jovens sentem-se pouco compreendidos ou até incompreendidos por seus familiares e demais adultos de sua rede social.

É nesse período da vida que há a maior incidência de transtornos mentais e/ou comportamentos de risco (OMS, 2017; SILVA; SIRQUEIRA, 2017; RICHARTZ, 2003). O que nos leva a pensar em redes de proteção e apoio a esse público. No entanto, ainda se carece de políticas públicas efetivas e ações estratégicas voltadas a espaços que não são necessariamente de saúde, já que grande parte desse público não chega de fato a iniciar tratamento ou permanecer em serviços de saúde. Além de termos a escola como um espaço privilegiado de ações de promoção de qualidade de vida do jovem, bem como um auxílio para ajudá-los a compreender melhor todas as transições que estão ocorrendo neste momento de sua vida.

No entanto, o que percebemos é que este espaço, a escola, historicamente não têm proporcionado a essas pessoas nessa fase do desenvolvimento o auxílio necessário para lidarem com uma transição conflituosa que é natural, de modo que o não oferecimento de estratégias, ações e políticas educacionais que caminhem além da formação cognitiva do ser humano, inibi-o e o coloca em situação de exacerbação das vivências desses conflitos internos (LUCCHESI et. al., 2009; SOUZA et. al., 2007).

O Estado brasileiro tentando amenizar este cenário, nos últimos anos tem tentado articular um novo olhar sobre a formação curricular da Educação Básica e do papel da escola em prevenir violências e discriminações. É o que se observa no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990), ao descrever sobre o papel da escola, vemos na própria Lei de Diretrizes e Base da Educação

– LDB - e nas recentes normativas como a Lei 13.185/2015 sobre o bullying escolar e Lei 13-819/2019 (BRASIL,2019) sobre o papel da escola em relação a automutilação em adolescentes.

Mesmo com essas legislações e reflexões acerca da urgência de aproximarmos saúde mental e educação escolar, sem transformarmos a escola em um grande ambulatório de saúde mental e nem medicalizar todas ações no espaço escolar, ver-se que ainda há uma lacuna sobre como de fato a escola pode contribuir com a saúde mental estudantil. Ferriolli et. al. (2007) mencionam que as ações de saúde mental na escola são pouco efetivas por não possuírem articulações com os princípios de saúde mental e as diretrizes educacionais, ou mesmo, por professores e profissionais de saúde não estarem preparados tecnicamente para lidarem com ações de promoção no contexto escolar

É nessa perspectiva que esta formação pretende trabalhar, buscando articular a realidade da escola com os princípios da saúde mental, levando aos professores e profissionais da educação conhecimento teórico e prático sobre o adolescer e sobre a saúde mental na perspectiva da promoção de espaços saudáveis, buscando minimizar a estigmatização de adolescente “problema” e negligência de sofrimento psíquico.

A prevenção começa com o conhecimento e compreensão dos primeiros sinais e sintomas de alerta de um transtorno mental. Pais e professores podem ajudar a construir habilidades para a vida de crianças e adolescentes, ajudando-os a lidar com os desafios cotidianos em casa e na escola. O apoio psicossocial pode ser oferecido em escolas e outros ambientes comunitários. O treinamento de profissionais de saúde para a detecção e gerenciamento de transtornos de saúde mental também pode ser implementado, aprimorado ou ampliado.

Outro aspecto importante a ser tratado junto a escola nesta formação diz respeito aos impactos psicossociais na vida dos adolescentes diante das vivências do distanciamento social ocorrido em função da pandemia do vírus SARS-CoV-2, mais conhecido como COVID-19 (BRASIL,2019).

O novo coronavírus alterou a rotina mundial de milhares de pessoas e tem causado impactos em diversos setores da sociedade atual. O impacto direto é visto no grande número de pessoas que perderam a vida ou que tiveram alguém próximo que morreu, bem como a impossibilidade de execução dos rituais de luto, como os funerais, devido à grande proliferação da doença (BRASIL, 2019).

Além disso, temos os jovens, que são naturalmente, sociáveis demonstrando grandes dificuldades em lidar com a nova realidade de isolar-se socialmente para se protegerem e evitar maior contaminação. De acordo, com a OMS (2020) muitos jovens em idade escolar têm apresentado níveis elevados de estresse e ansiedade o que leva a instituição a recomendar que a sociedade comece a pensar ações para pós-pandemia, tendo em vista que de acordo com as projeções mundiais haverá um aumento significativo de pessoas com adoecimento mental por diversos fatores que foram desencadeados pela crise epidêmica (BENDER,2020; GREFF *et al.* 2020; OMS, 2020;).

É diante deste cenário que muitas instituições brasileiras têm se juntado para pensar estratégias de intervenção para minimizar os impactos na saúde mental de muitos brasileiros, alguns elaboraram cartilhas de orientação, Universidade Estadual do Amazonas – UEA, Universidade de Campinas, UNICEF, e cursos de formação para profissionais de saúde como, Fiocruz Brasília. Todos propondo ações para o período epidêmico, já que não se sabe ao certo quando isto de fato irá acabar. No entanto, mesmo o fim deste período sendo uma verdadeira incógnita é preciso que já seja pensado ações para a pós pandemia, assim como recomenda a OMS (WEIDE, 2020).

Sendo assim, nada melhor do que a escola como um espaço para a realização deste tipo ação, já que é um espaço de disseminação de conhecimentos e criação de promoção de saúde, inclusive a mental. E, também, porque muitos jovens que tiveram suas rotinas e sonhos alterados devido ao distanciamento social estão entre os mais afetados emocionalmente pelos impactos psicossociais do coronavírus (OMS, 2002; 2020).

Justificativa

A adolescência é, por si só, considerada como um período de turbulência e de diversas transformações. Com isso, destaca-se com maior vulnerabilidade a influência de conflitos internos e externos, no entanto, isso não significa que esse seja um período marcado apenas por aspectos negativos, mas por busca de uma identidade. De acordo com Eric Erikson, essa etapa do desenvolvimento humano é marcada por um conflito natural que demarca uma etapa muito significativa na vida do homem conhecido como *confusão de papéis versus identidade*. A dualidade do conflito se reflete em todos os âmbitos da vida do adolescente, familiar, escolar, social e emocional, de modo que a resolução ocorre quando se alcança uma identidade individual com grandes mudanças no aspecto biopsicossocial (PAPALIA; FELDMAN, 2013; FEIJÓ; OLIVEIRA, 2001).

Papalia e Feldman (2013) afirmam que a adolescência como época de oportunidades e de riscos, coloca esses indivíduos no limiar do amor, da vida profissional e da participação na sociedade adulta. Para as autoras os conflitos familiares, oscilações de humor e comportamento de risco são mais comuns do que durante outros períodos da vida, além desses jovens estarem mais propensos a estados de humor negativos e depressão, ansiedade, o que pode levá-los muitas vezes a se sentirem tímidos, envergonhados, desajeitados, solitários, nervosos ou ignorados.

O adolescente na busca da sua identidade é influenciado tanto por fatores internos quanto externos, sociais e econômicos, tais como a cultura a qual se encontra inserido, valores morais de sua família, contexto escolar e amigos que podem facilitar ou dificultar essa busca. Para Berger (2003) a sociedade possui dupla influência nesse processo, primeiro quanto as estruturas sociais e costumes que facilitem a transição da infância à vida adulta, já que em sociedades cujos valores são voláteis e frágeis, podendo dificultar o processo identitário. Demonstrando que a família e a escola desempenham grande relevância na formação deste sujeito para a vivência em sociedade e a resolução de seus conflitos internos. Isso nos encaminha a necessidade iminente de repensarmos a relação entre escola e saúde.

Assim, Espíndula e Ferreira (2017) realizaram um estudo qualitativo sob a perspectiva fenomenológica com 12 adolescentes de uma escola rural cujo

objetivo foi compreender como os adolescentes vivenciam a saúde mental e fatores de risco no contexto escolar e como a escola oferece suporte para as demandas psicossociais. As pesquisadoras concluíram que a escola possui lugar determinante para a promoção da saúde mental dos adolescentes, uma vez que por meio das redes sociais estabelecidas no contexto propiciem a percepção de se lidar com as transformações internas e externas desse período do desenvolvimento humano por meio da intersubjetividade, ou seja, na relação de respeito e reciprocidade com professores, alunos e comunidade.

A saúde mental não é algo produzido isoladamente por um indivíduo, mas está relacionada a possibilidade de acessarmos direitos e projetos coletivos como acesso à alimentação, saúde, segurança e educação de qualidade, redes de apoio e proteção. E nesse cenário a escola é um lugar privilegiado para o indivíduo desenvolver-se de forma saudável, tendo em vista que a escola e a família constituem a maior proporção de vivências e experiências desses jovens antes da entrada para a vida adulta de fato (TANAKA; RIBEIRO, 2009; LUCCHESI *et. al.*, 2009).

Faz-se necessário que a escola tenha uma maior articulação entre família e redes de saúde que visem oferecer mais ações estratégicas de capacitação e formação da equipe escolar de temas que são transversais àqueles trabalhados em sala de aula pelo professor. Formações que visem oferecer aos professores segurança para lidarem no cotidiano escolar com situações consideradas naturais das fases do desenvolvimento de crianças e adolescente e as que necessitem de um olhar mais cauteloso e cuidadosa para que possam compartilhar com as devidas redes de apoio e proteção da criança e do adolescente (TANAKA; RIBEIRO, 2009; PENSO *et al.*, 2013).

Por isso é tão importante proporcionar esta formação em saúde mental do adolescente para os professores, pois só por meio da criação de um espaço de diálogo adequado e com práticas que levem a pensar os seus alunos em processo saudável de desenvolvimento é que podemos ofertar ações mais acertadas e efetivas dentro das escolas para promover bem-estar e saúde mental.

Metade de todos os transtornos mentais começam na adolescência, mas a maioria dos casos não é detectada e tratada precocemente. Em termos de carga de doenças entre adolescentes, a depressão é a terceira principal causa. O suicídio é a segunda principal causa de morte entre jovens com idade entre

15 e 29 anos (OMS, 2017). Torna-se claro, então, a necessidade de ações no campo da prevenção, objetivando a redução dos índices de tentativas e de suicídios consumados. Para que esta formação atinja seus objetivos de forma efetiva, pretende-se articular parcerias entre o Curso de Psicologia da Universidade Federal de Roraima por meio de monitorias, as redes de matriciamento em saúde mental do adolescente, como os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), as Unidades Básicas de Saúde (UBS), através das Estratégias de Saúde da Família (ESF), para que a escola tenha maior compreensão de todos os suportes que podem ter a sua disposição ao lidarem com situação que requeiram ações de intervenção e de promoção de saúde mental na escola.

Esta formação encontra-se respaldada também nas recentes orientações da Organização Mundial da Saúde que orienta ações que visem a minimização dos impactos psicossociais da pandemia do COVID-19 na vida das pessoas.

Embasamento teórico

Esta capacitação possui um embasamento teórico pautado nas contribuições da Psicologia fenomenológica de Edmund Husserl e Edith Stein (ALES BELLO, 2006; ESPÍNDULA, 2019; ESPÍNDULA, GOTO, 2019), bem como nas diretrizes básicas da educação e do desenvolvimento humano na adolescência e o papel da escola (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Sendo assim, faz necessário compreender sobre o que é esperado para esta fase do desenvolvimento humano. Eric Erikson afirma que na adolescência um conflito interno que se busca a resolução, conhecido como crise de identidade versus confusão de identidade ou confusão de papel. Mediante uma resolução que propicie uma construção de uma identidade, proporciona neste adolescente um senso de fidelidade, o que corresponde a uma maior segurança emocional quanto a si mesmo. No entanto, quando há fracasso em desenvolver essa consciência de si o adolescente experimenta confusão de identidade e fragilidade de seu self. Essa crise apesar de não se resolver durante a adolescência é imprescindível para que ele se torne um adulto saudável psicossocialmente (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

A construção dessa identidade envolve vários aspectos, desde questões internas, questões de sexualidade, autoconfiança, autoestima, quanto externa, como a família, amigos, escolha profissional. Para Erikson os adolescentes não formam sua identidade tomando outras pessoas como modelo a seguir, mas modificando-o e sintetizando identificações anteriores para construir um novo modelo para si. Assim, o desenvolvimento da sexualidade está intimamente relacionado às mudanças corporais, no entanto, ela vai além do ato sexual em si, perpassando aspectos como socialização, maturidade física, imagem corporal, construção de uma nova identidade e aspirações referentes ao futuro (BERGER, 2003).

Para Kaplan e Sadock (2007) afirmam que a resolução da crise de identidade enfrentada pelo adolescente refere-se a deixar de ser uma pessoa dependente e torna-se mais autônoma. Enfatiza ainda que há lutas iniciais que são travadas, tais como as que se referem quanto a sexualidade. Nesse contexto Eisenstein (2005) afirma que a identidade é a consciência que uma pessoa

possui de si mesma como um ser no mundo. Sendo assim, essa busca de encontrar seu ser no mundo que o adolescente busca constantemente, no qual para isso testa vários papéis e situações para que possa encontrar o seu eu.

De acordo com Papalia e Feldman (2013) para formar a identidade é preciso que os adolescentes organizem suas habilidades, suas necessidades, seus interesses e seus desejos para que possam ser expressados em um contexto social. Ela se forma pela resolução de três questões importantes: a escolha de uma ocupação, a adoção de valores nos quais acreditar e segundo os quais viver e o desenvolvimento de uma identidade sexual satisfatória.

Quando a identidade não é capaz de se estabelecer, o adolescente pode apresentar comportamentos de vulnerabilidade. No entanto, a vivência da adolescência pode ser enfrentada de diferentes maneiras, pois não é coletiva e sim individual e, por isso mesmo, pode ter duração diferente para cada indivíduo (ABERASTURY; KNOBEL, 1981).

As escolas possuem um papel significativo para o desenvolvimento das crianças e adolescentes e suas famílias seja na promoção de fatores protetivos quanto na detecção de riscos ou na redução de danos de agravos psicossociais. Nesse ambiente se concentram a maior parte da população infanto-juvenil brasileira e muitas crianças e adolescentes convivem mais nos contextos escolares do que com suas próprias famílias. Assim, agregam-se nesses locais diversidades e singularidades, potencialidades e recursos significativos para a produção de saúde, a garantia da proteção integral e o desenvolvimento de pessoas sob os princípios de autonomia e emancipação (BRASIL, 2014).

A escola pode ser um organizador poderoso na resolução da crise de confusão de papéis vivenciado pelo adolescente, pois propicia a ele experimentar e testar suas habilidades, identificar-se com pares e explorar suas opções vocacionais, ampliando horizontes intelectuais e sociais. No entanto, essa pode não ser uma realidade para todos os adolescentes, pois este é um ambiente complexo, cujas relações podem ser vividas como um obstáculo ao caminho da vida adulta. Ela pode ser ainda um espaço de formação humana, para além da transmissão de conteúdo, onde é possível que o adolescente reflita e amplie seus projetos de vida, e amplie suas experiências (PAPALIA; FELDMAN, 2013; BERGER; 2003).

Mesmo quando se pensa na perspectiva da promoção de saúde é preciso compreender o que se apresenta no momento, sendo assim é importante

compreender como se dar o adoecer mental. Na abordagem fenomenológica, o fenômeno psicopatológico jamais será visto isoladamente de sua essência (interioridade, sentimentos, pensamentos, angústias) estará sempre relacionada à manifestação de cada paciente, portanto o paciente será conhecido a partir de um determinado fenômeno e, inversamente, este fenômeno penetra neste paciente (BINSWANGER, 2001).

Binswanger, autor e pesquisador da área de psicopatologia, busca um olhar do profissional de saúde mental à totalidade do ser humano, por meio da retirada desse paciente do isolamento do corpo cego do *idios* cosmo de tal maneira que ele possa ser capaz de participar do *koinos* cosmos da comunidade. É devido a essa nova perspectiva de psicopatologia fenomenológica, cujas influências repousam em Husserl, que se busca por meio da psicoterapia a ampliação da vivência individual para elevá-la e liberá-la a ponta de que essa pessoa possa participar da comunidade ou vida autêntica (BINSWANGER, 2001).

Plano de Trabalho do Curso de Capacitação profissional

1 - PÚBLICO ALVO:

Profissionais da educação básica e professores que atuam no Ensino Fundamental e Médio.

2 - OBJETIVOS:

Geral:

Capacitar os professores da educação básica que atuam no Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio sobre o campo da saúde mental de forma crítica, científica, humana e ética para auxiliar a construção de espaços de promoção de saúde na escola, tendo o professor como multiplicador.

Específicos:

- Apresentar aos professores conceitos principais sobre saúde mental, sobre o adolecer e os impactos do coronavírus;
- Contribuir para o desenvolvimento de ações e estratégias no espaço escolar que visem a promoção de espaços de saúde mental;
- Discutir criticamente os diferentes papéis da escola nos processos de gestão e planejamento de saúde mental;
- Promover a cultura da prevenção ao suicídio, autolesão e outros agravos mentais;
- Desmitificar os “tabus” sobre a adolescência e do adoecimento mental na adolescência;
- Produzir material educativo;
- Proporcionar momento de troca de experiências entre os profissionais sobre ações na promoção a vida.
- Discutir as formas de articulação interssetorial e em rede de saúde para o cuidado em saúde mental e a escola durante e pós-pandemia do coronavírus na vida dos adolescentes.

3 - Organização didático pedagógica do curso

O curso será organizado em módulos que conterão atividades teóricas que visem a reflexão sobre a temática do módulo e atividades dinâmicas em grupo ou individuais que propiciam a troca de experiências entre os envolvidos um com maior fixação sobre os aprendizados adquiridos no grupo. Os módulos conterão avaliações de reação a fim de possibilitar melhor avaliação posterior da aplicabilidade do curso.

O curso conterá 7 módulos com carga horário de 4horas, totalizando uma carga horária total de 30h.

4 - Conteúdo programático:

 <p>Módulo 1: Conhecimentos introdutórios</p>
•Objetivo: Visa apresentar de maneira dinâmica e didática aos professores o curso e os conceitos introdutórios para que eles comecem a se ambientarem com a importância da formação
• Ementa:
1 – Conceitos introdutórios de como será a organização e avaliação do curso. 2 - Desmistificando os mitos sobre a adolescência. 3 – Conceitos introdutórios sobre saúde mental
Recursos didáticos: material impresso e vídeos.
Bibliografia utilizada:

ABERASTURY, A.; KNOBELL, M. Adolescência normal. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

BEE, H. Desenvolvimento físico e cognitivo na adolescência. In: _____. O ciclo vital. Porto Alegre: Artmed, 1997.

BERGER, K. S. O desenvolvimento da pessoa: Da infância à adolescência. 5ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Relatório sobre saúde no mundo 2001. Saúde mental: nova concepção, nova esperança, 2001. Disponível em: <http://www.abebe.org.br/wp-content/uploads/oms2001.pdf>. Acesso em 30 de julho de 2017.



Módulo 2: Conversando sobre o coronavírus: Uma reflexão sobre as vivências

•Objetivo: Conhecer os aspectos científicos, termos e descrições mais importantes sobre o coronavírus para promover uma melhor reflexão sobre os impactos da doença no contexto escolar no que se refere à saúde mental.

• Ementa:

1 – Conceitos iniciais epistemológicos: Epidemia, pandemia, contaminação viral;

2 – Mudanças de hábitos;

3 – Re (construção) de rotinas escolares e familiares na vida pós coronavírus.

Recursos didáticos:

Vídeos, materiais impressos e conversa com especialista na área epidemiológica.

Bibliografia utilizada:

Brasil. Ministério da Saúde. Nota Técnica nº. 12/2020-CGMAD/ DAPES/ SAPS/ MS. Recomendações à rede de atenção psicossocial sobre estratégias de organização no contexto da infecção da covid-19 causada pelo novo coronavírus (sars-cov-2).

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Relatório mundial da saúde. Saúde mental: Nova concepção, nova esperança. 1ª Edição; Lisboa; 2002.

. Mental Health and psychosocial considerations during COVID-19 outbreak. March 18th, 2020.
<https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/mental-health-considerations.pdf>



Módulo 3: Saúde mental e a pandemia: Aspectos psicossociais que envolvem a escola

•Objetivo: Trabalhar junto aos profissionais da educação básica a relação entre os impactos da pandemia do coronavírus na vida dos adolescentes, visando a uma resignificação dos aspectos psicossociais alterados durante o período de isolamento social e o retorno a rotina escolar.

• Ementa:

- 1 – O impacto na vida do estudante pós isolamento;
- 2 – A relação com o luto e a perda de entes queridos e dinâmica familiar;
- 3 – (Re)construção do espaço escola e as relações interpessoais;
- 4 – Criação de estratégias para resignificação da dor emocional;

Recursos didáticos:

Videos, materiais impressos.

Bibliografia utilizada:

BENDER, Lisa. Cartilha principais mensagens e ações para a prevenção do coronavírus (COVID-19) em escolas. Unicef, Brasília;2020.Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/media/7386/file/principais-mensagens-acoes-prevencao-covid19-escolas.pdf>

ESPÍNDULA, Joelma Ana Gutiérrez; Bello, Angela Ales. vivências de pacientes com câncer em um hospital: reflexões da fenomenologia de Edith Stein. In: ESPÍNDULA, Joelma Ana Gutiérrez (Org). Psicologia fenomenológica e saúde: teoria e pesquisa. Boa Vista; Editora da UFRR, 2019.

GREFF, Aramita Pratte *et al.* Cartilha sobre Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia Covid-19 – Suicídio na pandemia. Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz; Brasília.2020. Disponível <https://portal.fiocruz.br/documento/saude-mental-e-atencao-psicossocial-na-pandemia-covid-19>

KOVÁCS, Maria Júlia. Morte e desenvolvimento humano. São Paulo: Casa do Psicólogo.1992

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Relatório mundial da saúde. Saúde mental: Nova concepção, nova esperança. 1ª Edição; Lisboa; 2002.

_____. Mental Health and psychosocial considerations during COVID-19 outbreak. March 18th, 2020.

<https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/mental-health-considerations.pdf>

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. Sobre a morte e o morrer (Paulo Menezes, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.2005.

WEIDE, J. N., Vicentini, E. C. C., Araujo, M. F., Machado,W. L., & Enumo, S. R. F. (2020). Cartilha para enfrentamento do estresse em tempos de pandemia. Porto Alegre: PUCRS/ Campinas: PUC-Campinas. 2020.



Módulo 4: Pensando a saúde mental na adolescência

•Objetivo: Aproximar os profissionais da educação dos conceitos centrais da saúde mental e da adolescência como fase do desenvolvimento e sua intercessão com a educação. Buscar a reflexão de práticas e ações das experiências vividas pelos participantes que reflitam a relação saúde mental/adolescência/escola.

• Ementa:

1 – Saúde mental na adolescência: Fatores de risco e de proteção

2 – A difícil fronteira entre o adoecimento mental e o bem-estar

Recursos didáticos:

Leitura e discussão sobre o Informativo de 2018 da Organização Mundial da Saúde sobre a saúde mental dos adolescentes .
https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5779:folha-informativa-saude-mental-dos-adolescentes&Itemid=839

Bibliografia utilizada:

ALES BELLO, A. Fenomenologia do Corpo e da Sexualidade: Aspectos Antropológicos e Psicológicos. In: Psicologia fenomenológica e saúde: teoria e pesquisa. ESPÍNDULA, Joelma Ana Gutiérrez (Org). Boa Vista; Editora da UFRR, 2019. pp.16.

_____. Gênese da comunidade. In Diálogos com Edith Stein: Filosofia, Psicologia e Educação. MAHFOUD, Miguel; SAVIAN FILHO, Juvenal. (Orgs.). São Paulo; Paulus, 2017. Pp.55.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-5). 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARCOVERDE, R. L.; SOARES, L. L. C. Funções neuropsicológicas associadas a conduta autolesivas: Revisão integrativa da literatura. Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 25, n. 2, p. 293-300, 2012.

ALVARENGA, R. Os fundamentos transcendentais da daseinsanalyse psiquiátrica de Ludwig Binswanger. Revi. Letinoamericana de psico. Fundamental, v. 20, n. 2, p. 368-381, jun. 2017.

ESPÍNDULA, Joelma Ana Gutiérrez; GOTO, Tommy Akira. Algumas reflexões sobre a fenomenologia e o método fenomenológico nas pesquisas em psicologia. In: ESPÍNDULA, Joelma Ana Gutiérrez (Org). Psicologia fenomenológica e saúde: teoria e pesquisa. Boa Vista; Editora da UFRR, 2019.



Módulo 5: A escola e a saúde mental

•Objetivo: Proporcionar aos profissionais da educação conhecimentos que levem a identificação de fatores de risco à saúde mental na escola e a criação de estratégias de intervenção para lidar com elas e para promover saúde emocional.

• Ementa:

1 – Relação da escola e a promoção de saúde mental

2 – Como identificar quando um adolescente está em sofrimento mental

Recursos didáticos: Estudos de caso, dinâmicas e materiais impressos.

Leitura do texto

Dossiê saúde mental de Maria Clara Rabelo da revista científica Comciencia no link a seguir

<http://www.comciencia.br/para-alem-da-saude-mental-na-escola/>

Bibliografia utilizada:

BINSWANGER, L. Sobre psicoterapias. Revista Latinoamericana de Psicologia Fundamental, vol. 4, n. 1, p. 143-166, 2001.

BORGES, L. M.; Silva; J. Cardoso. Corpo e automutilação: um estudo de caso. Boletim Entre SIS, Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 2, p. 21-29, jul./dez. 2018

BRASIL. Ministério da Saúde. Estatuto da Criança e do Adolescente. 3ª ed. Brasília: 1990.

PAPALIA, D. E; FELDMAN, R. D. Desenvolvimento Humano. Porto Alegre: Artmed, 2013.

SANTOS, A. A. dos, B. et al. Automutilação Na Adolescência: Compreendendo Suas Causas E Consequências. Revista Temas em Saúde. Volume 18, Número 3. João Pessoa, 2018.

SILVA, M. F. A.; SIQUEIRA, A. C. O perfil de adolescentes com comportamentos de autolesão identificados nas escolas estaduais de Rolim de Moura – RO. Revista Farol, vol. 3, n. 3, p. 5-20, 2017.

SILVA, A. C.; Botti, Nadja C. Lappann. Caracterização do perfil de participantes de um grupo de automutilação no Facebook. Salud & Sociedad; V. 9; No. 2; PP. 160 – 169; Mayo – Agosto; 2018.



Módulo 6: Da identificação, intervenção e prevenção em saúde mental na escola

•Objetivo: Possibilitar ao professor re (pensar) maneiras de lidar com os adolescentes identificados com algum tipo de sofrimento emocional e discutir a partir das trocas de experiências por eles vividos novos modos de lidar com esse público.

• Ementa:

1 – Como lidar com um adolescente quando há a identificação de ele não está bem emocionalmente? O que fazer e o que não fazer?
2 – Como a escola pode ajudar?

Recursos didáticos:

Bibliografia utilizada:

BUSSMANN, C. E.; PRETTO, B. Relato de experiência: percepção acerca do significado dos cortes no corpo do adolescente. Revista Destaques Acadêmicos, Lajeado, v. 9, n. 3, 2017.

CEDARO, J. J. NASCIMENTO, J. P. G. Dor e gozo: relatos de mulheres jovens sobre automutilações. Psicologia USP, vol. 24, n. 2, p. 203-223, 2013.

FAVAZZA, A. R. The coming of age of self-mutilation. The Journal of Nervous & Mental Disease, Baltimore, v. 186, n. 5, p. 259-268, 1998.

FEIJÓ, R. B; OLIVEIRA, E. A.; Comportamento de risco na adolescência. Jornal de Pediatria, v. 77, Supl.2, p. 125-133, 2001.



Módulo 7: Criando redes de apoio para além da escola

•Objetivo: Proporcionar aos participantes o conhecimentos sobre redes de apoio que vão além da escola tanto quanto ao aspecto interventivo como de promoção acerca da saúde de adolescentes em idade escolar.

• Ementa:

1 – Quais são as formas de intervenção que podem ser utilizadas por pessoas com adoecimento mental?

2 – Redes de serviço psicológica estaduais e municipais e a interdisciplinaridade com os espaços escolares.

Recursos didáticos:

Bibliografia utilizada:

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde na escola. Cadernos de Atenção Básica nº 24: saúde na escola. Brasília: MS, 2014.

ESPÍNDULA, J. A.; FERREIRA, M. R. Saúde mental: aspectos psicossociais de adolescentes em uma Escola Rural na perspectiva fenomenológica. In: Psicologia: relatos e experiências. Neves, L. R.; Ramos, C. E. (Orgs.) Boa Vista: Editora da UFRR, 2017.

GUERREIRO, D. F.; SAMPAIO, D. Comportamentos autolesivos em adolescentes: uma revisão de literatura com foco na investigação em língua portuguesa. Revista Portuguesa de Saúde Pública, vol. 31, n. 2, p. 213-222, jul./dez. 2013.

Fonte: Própria autora

5. Avaliação

5.1. Método

O curso será ministrado através de aulas expositivas e dialogadas. Os alunos realizarão também leituras na área. A parte prática será realizada por meio de dinâmicas que proporcionem reflexão e aprofundamento da temática.

5.2. Critérios

Serão avaliadas a presença e a participação do aluno em sala de aula, assim como sua inserção nas atividades práticas, avaliando a motivação deste nestas atividades, sua capacidade de refletir e realizar associações com outros conteúdos aprendidos, e a apresentação e discussão em sala de aula dos conteúdos vistos na prática.

6. Avaliação de resultados esperados

Espera-se com esse curso de formação contribuir para a capacitação de profissionais da educação básica no que tange a saúde mental de adolescentes no contexto escolar a fim de que eles possam desenvolver um aporte teórico e prático para poderem lidar com situações cotidianas nesses espaços institucionais e ações que favoreçam ao desenvolvimento de ações de promoção e prevenção em saúde mental na escola.

Espera-se também que a parceria estabelecida entre a Psicologia/UFRR produza uma aprendizagem eficaz capaz de proporcionar aos monitores a potencialidade de tornarem-se possíveis multiplicadores em demais formações sobre o tema. Pretende-se ter no mínimo 10 monitores que deverão ser

capacitados antes de iniciar o projeto piloto na escola e que atuarão na prática da formação dos professores de educação básica, tendo assim uma formação teórica e prática para que possam torna-se multiplicadores do projeto no Estado de Roraima. Também se pretende com esta formação realizar a confecção de Artigo científico sobre experiência vivida no Curso e, posteriormente, ser enviada para uma revista indexada da área da Psicologia.

A proposta de formação visa ao final do curso que o profissional esteja atualizado com base nas principais discussões teóricas sobre a saúde mental, adolescência escola e promoção de saúde, bem como preparado para enfrentar os desafios do cotidiano escola pertinentes ao tema estudados.

Igualmente espera-se que os egressos do Curso possam trabalhar de modo a incrementar positivamente a qualidade educacional das unidades escolares sob sua responsabilidade, o que se dará mediante o emprego de estratégias desenvolvidas ao longo do curso voltadas para o desenvolvimento contínuo de reflexões e ações voltadas para o enfrentamento das dificuldades e problemas do cotidiano escolar.

7. Recursos Financeiros

Não terá gastos e nem ônus para UFRR, pelo fato que as ministrantes colaboradoras estarão colaborando voluntariamente no curso. Não será cobrado taxa de inscrição ou mensalidades aos participantes. Porém será necessária a confecção de 30 certificados pela PRAE/UFRR, sendo 25 para os participantes e 05 para a equipe de Coordenação do Curso.

8. Cronograma

	Período	Local	Duração da Carga Horária
Módulo 1	Pós pandemia	Escola pública a definir	4 horas
Módulo 2	Pós pandemia	Escola pública a definir	4 horas
Módulo 3	Pós pandemia	Escola pública a definir	4 horas
Módulo 4	Pós pandemia	Escola pública a definir	4 horas
Módulo 5	Pós pandemia	Escola pública a definir	4 horas
Módulo 6	Pós pandemia	Escola pública a definir	4 horas
Módulo 7	Pós pandemia	Escola pública a definir	4 horas

Fonte: Própria autora

9. Referências

ABERASTURY, A.; KNOBELL, M. Adolescência normal. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ALES BELLO. Introdução à Fenomenologia. Bauru: EDUSC, 2006.

BENDER, Lisa. Cartilha principais mensagens e ações para a prevenção do coronavírus (COVID-19) em escolas. Unicef, Brasília;2020. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/media/7386/file/principais-mensagens-acoes-prevencao-covid19-escolas.pdf>

BERGER, K. S. O desenvolvimento da pessoa: Da infância à adolescência. 5ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2003.

BINSWANGER, L. Sobre psicoterapias. Revista Latinoamericana de Psicologia Fundamental, vol. 4, n. 1, p. 143-166, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Estatuto da Criança e do Adolescente. 3ª ed. Brasília: 1990.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde na escola. Cadernos de Atenção Básica nº 24: saúde na escola. Brasília: MS, 2014.

_____. Casa Civil. Lei de política nacional de prevenção de automutilação e suicídio. Site do Planalto. In http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13819.htm. Publicado em 2019.

_____. Ministério da Saúde. Nota Técnica nº. 12/2020-CGMAD/ DAPES/ SAPS/ MS. Recomendações à rede de atenção psicossocial sobre estratégias de organização no contexto da infecção da covid-19 causada pelo novo coronavírus (sars-cov-2).2020

EISENSTEIN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. Adolescência & Saúde, v. 2, n. 2, p. 6-7, abr./jun. 2005.

ESPÍNDULA, Joelma Ana Gutiérrez; Bello, Angela Ales. Vivências de pacientes com câncer em um hospital: reflexões da fenomenologia de Edith Stein. In: ESPÍNDULA, Joelma Ana Gutiérrez (Org). Psicologia fenomenológica e saúde: teoria e pesquisa. Boa Vista; Editora da UFRR, 2019.

_____; FERREIRA, M. R. Saúde mental: aspectos psicossociais de adolescentes em uma Escola Rural na perspectiva fenomenológica. In: Psicologia: relatos e experiências. Neves, L. R.; Ramos, C. E. (Orgs.) Boa Vista: Editora da UFRR, 2017.

_____; GOTO, T.A.; Algumas reflexões sobre a fenomenologia e o método fenomenológico nas pesquisas em psicologia. In: Psicologia fenomenológica e saúde: teoria e pesquisa. ESPÍNDULA, Joelma Ana Gutiérrez (Org). Boa Vista; Editora da UFRR, 2019. pp.32.

FERRIOLLI, S. H. T.; MARTURANO, E. M.; PUNTEL, L. P. Contexto familiar e problemas de saúde mental infantil no Programa Saúde da Família. *Revista Saúde Pública*, vol. 41, n. 2, p. 251-9, 2007.

FEIJÓ, R. B; OLIVEIRA, E. A.; Comportamento de risco na adolescência. *Jornal de Pediatria*, v. 77, Supl.2, p. 125-133, 2001.

GREFF, Aramita Pratte *et al.* Cartilha sobre Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia Covid-19 – Suicídio na pandemia. Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz; Brasília.2020. Disponível <https://portal.fiocruz.br/documento/saude-mental-e-atencao-psicossocial-na-pandemia-covid-19>

KAPLAN, H. I.; SADOCK, B. J. (eds.). *Compêndio de Psiquiatria - Ciências do Comportamento e Psiquiatria Clínica*. 9ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007

LUCCHESI, R.; OLIVEIRA, A. G. B.; CONCIANI, M. E.; MARCON, S. R. Saúde mental no Programa Saúde da Família: caminhos e impasses de uma trajetória necessária. *Cadernos de Saúde Pública*, vol. 25, n. 9, p. 2033-2042, set. 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Relatório sobre saúde no mundo 2001. Saúde mental: nova concepção, nova esperança, 2001. Disponível em: <http://www.abebe.org.br/wp-content/uploads/oms2001.pdf>. Acesso em 30 de julho de 2017.

_____. Relatório mundial da saúde. Saúde mental: Nova concepção, nova esperança. 1ª Edição; Lisboa; 2002.

_____. Mental Health and psychosocial considerations during COVID-19 outbreak. March 18th, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/mental-health-considerations.pdf>

PAPALIA, D. E; FELDMAN, R. D. *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PENSO, M. A.; BRASIL, K. C. T. R.; ARRAIS, A. R.; LORDELLO, S. R. A relação entre saúde e escola: percepções dos profissionais que trabalham com adolescentes na atenção primária à saúde no Distrito Federal. *Saúde e Sociedade*, v. 22, n. 2, p. 542-553, 2013.

RICHARTZ, M. Comportamento autolesivo da pele e seus anexos: definição, avaliação comportamental e intervenção. 2013. 94p. Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) – Universidade Federal de Londrina, Londrina, 2013.

SOUZA, A. J. F.; MATIAS, G. N; GOMES, K. F. A.; PARENTE, A. C. M. A saúde mental no Programa de Saúde da Família. *Revista Brasileira de Enfermagem*, vol. 60, n. 4, p. 391-5, jul./ago. 2007.

SILVA, M. F. A.; SIQUEIRA, A. C. O perfil de adolescentes com comportamentos de autolesão identificados nas escolas estaduais de Rolim de Moura – RO. *Revista Farol*, vol. 3, n. 3, p. 5-20, 2017.

TANAKA, O. Y.; RIBEIRO, E. L. Ações de saúde mental na atenção básica: caminho para ampliação da integralidade da atenção. *Ciência e Saúde Coletiva*, vol. 14, n. 2, p. 477-486, 2009.

WEIDE, J. N., Vicentini, E. C. C., Araujo, M. F., Machado, W. L., & Enumo, S. R. F. (2020). *Cartilha para enfrentamento do estresse em tempos de pandemia*. Porto Alegre: PUCRS/ Campinas: PUC-Campinas. 2020.